

MICROSCÓPIO

Rompendo primeiro com a Alemanha e declarando-lhe depois guerra, assumiu o nosso país grave responsabilidade para consigo mesmo e para com o mundo. E, agora, acesando tropas no próprio teatro da luta, começa ele a resgatar os compromissos assumidos, ao mesmo tempo que toma sobre si novas e maiores responsabilidades.

Seria evidentemente pueril imaginar tenhamos entrado na imane fogueira unicamente por vingar os torpedeamentos da barbárie eixista. Foram estes o incidente que nos lançou à luta, mas já preexistiam e atuavam os motivos profundos, capazes de a justificar perante a consciência do homem e do cidadão. A melhor prova disto é que, já muito antes, passara a orientação do nosso governo, de uma manifesta e explicável simpatia às nações do Eixo, para uma solidariedade cada vez mais estreita com os Estados Unidos e, portanto, com as democracias militantes. Os torpedeamentos, por mais que tenham ferido a nossa sensibilidade, representaram apenas a faísca provocadora da explosão. A causa geral e profunda, a verdadeira causa foi a impossibilidade de conviverem as nações civilizadas com as nações que timbram em desconhecer e aniquilar os direitos do homem.

Basta deter-se a gente neste ponto nodal da questão, para logo avaliar a imensa responsabilidade que o Brasil assumiu, e cumulou agora mandando filhos seus à guerra. De duas categorias são os deveres que lhe impendem: a primeira, de natureza interna, consiste em pôr-se em harmonia com os princípios que está defendendo lá fóra; a segunda, de natureza externa, resume-se em sustentar firmemente, com a autoridade, que agora tem, de país beligerante, a organização jurídica das nações numa base verdadeiramente democrática, em vez de seguir simplesmente na esteira desta ou daquela grande potência.

Para qualquer destas duas tarefas, pode o nosso governo beber inspiração em nosos grandes estadistas; mas, querendo compendiadas num só as lições de todos, aí temos o gigantesco vulto de Rui Barbosa, cuja invocação nunca foi mais oportuna.